CULPA RELIGIOSA E NEUROSE OBSESSIVA: UMA LEITURA PSICANALÍTICA

Ana Clara Ribeiro de Freitas, Luna Parra Arduino, Lauro Take Tomo Veloso

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, anacfreitas_mm@hotmail.com, luazul2523@gmail.com, lauro.taketomo@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar o conceito de culpa religiosa a partir da psicanálise, utilizando como base principal as obras freudianas Totem e Tabu e O mal-estar na cultura. A partir da compreensão que a culpa se constitui pela renúncia pulsional exigida pela civilização e pela internalização da autoridade por meio do Supereu, expande-se essa discussão para o campo da religiosidade, abordando a religião como uma neurose obsessiva universal, na qual rituais, proibições e práticas de purificação se assemelham aos atos obsessivos do neurótico. Discute-se ainda a relação entre culpa, gozo e sofrimento neurótico, evidenciando como a culpa religiosa pode aprisionar o sujeito em um ciclo repetitivo de transgressão, arrependimento e punição. Enfim, a culpa religiosa, embora possa exercer função simbólica e organizadora, também pode se tornar sintoma quando mantém o sujeito impossibilitado de se reposicionar diante do próprio desejo, cabendo à psicanálise escutar o que essa culpa esconde e repete.

Palavras-chave: Culpa religiosa. Psicanálise. Neurose obsessiva. Supereu.

Área do Conhecimento: Psicologia

Introdução

A culpa é um tema relevante na obra de Freud (2020), aparecendo tanto na constituição do sujeito quanto na organização da vida em sociedade. Ela surge da renúncia pulsional e da internalização das exigências civilizatórias por meio do psiquismo humano que é construído através de três instancias: o Supereu um juiz interno, guardião de um ideal moral e que vigia a instancia do Eu que representa o mediador entre as cobranças do Supereu e os desejos do Isso, que por sua vez é o representante das pulsões, que é lido como desejos, instintos e prazeres, em essência são vontades que não possuem o atravessamento moral.

Ao voltar para a religião, Freud (2020) percebe que essa mesma dinâmica se repete em escala coletiva. A religião, com seus rituais, proibições e promessas de perdão, oferece um enquadre simbólico para a culpa, mas também pode reforçá-la, mantendo o sujeito preso a um ciclo de percepção de por consequência um sentimento de arrependimento e condutas punitivistas. Nas obras Totem e Tabu e O mal-estar na cultura, o autor desenvolve a ideia de que a religião funciona como uma neurose obsessiva universal. Diante disso, este artigo se propõe a analisar o conceito de culpa religiosa a partir da psicanálise, tomando como base as formulações freudianas sobre a culpa e sua articulação com a experiência religiosa.

Metodologia

Este artigo resulta de uma revisão de literatura, sobre a culpa religiosa na psicanálise. O percurso investigativo partiu do levantamento do conceito de culpa na obra freudiana para, em seguida, abranger sua articulação com a religiosidade. A coleta de material foi realizada por meio dos periódicos CAPES, Google Acadêmico e Scielo Brasil, utilizando-se palavras-chave como “culpa”, “psicanálise”, “religião e psicanálise” e “neurose obsessiva”. A seleção priorizou textos de referência na teoria psicanalítica, especialmente as obras de Freud, além de artigos acadêmicos que discutem a relação entre culpa, religião e neurose obsessiva. A análise foi conduzida de forma qualitativa, buscando articular os conceitos centrais da psicanálise à compreensão da culpa religiosa e de seus efeitos no psiquismo.

Resultados e discussão

No livro O mal-estar na cultura e outros escritos, Freud traz a ideia de que o ser humano “não tem uma natureza pacata, ávida de amor….ao contrário, a ele é dado o direito de também incluir entre as suas habilidades pulsionais uma poderosa parcela de inclinação para a agressão.”(Freud, 1930, p. 376) Partindo disso se entende que as Pulsões dos seres humanos perpassam uma agressividade e essa agressividade, quando não encontra freios, manifesta-se de forma espontânea e violenta, revelando uma face destrutiva que a sociedade precisa conter para garantir uma melhor convivência.

Assim se compreende que ao vivermos em sociedade acabamos como um grupo por desenvolver contenções, formas de desarmar e enfraquecer essa inclinação à agressividade, como regras, leis e ideais morais regulando a relação entre os sujeitos. Essas contenções não são apenas externas, com o tempo, elas se tornam internas. Os ideais morais por exemplo adentram o psiquismo por meio do Supereu, instância que se forma a partir da internalização da autoridade parental e social. O Supereu vigia a expressão do indivíduo, o Eu, julga suas intenções, exige a renúncia pulsional e um uso de cinto de segurança para a agressividade. O Supereu em última instância, representa internamente as leis e os ideais morais.

Este é um dos processos que a culpa se constitui. Ela surge quando o sujeito consciente ou inconscientemente se afasta das exigências morais internalizadas do Supereu. Mais do que o medo de uma punição externa, a culpa é a expressão de uma tensão interna entre o desejo e a moral. O sujeito se sente culpado mesmo quando ninguém o acusa, porque a instância do Supereu que o acusa está dentro dele.

> “Conhecemos, portanto, duas origens do sentimento de culpa: o que surge do medo da autoridade e o outro, posterior, que surge do medo do Supereu. O primeiro obriga a renunciar às satisfações pulsionais, e o outro, tendo em vista que não se pode esconder do Supereu a persistência dos desejos proibidos, obriga, além disso, à punição…no caso do medo do Supereu é diferente. Aqui, a renúncia pulsional não ajuda de maneira suficiente, pois o desejo persiste e não se deixa ocultar diante do Supereu. Apesar da renúncia bem-sucedida, sobrevirá um sentimento de culpa, e esta é uma grande desvantagem econômica da instauração do Supereu, ou, como podemos dizer, da formação da consciência moral.” (Freud, 2020).

A culpa se intensifica justamente pois o Supereu conhece os desejos recalcados. Ele não pune apenas os atos, mas também as intenções, as vontades, as pulsões. Assim, quanto mais o sujeito renúncia, mais o Supereu se fortalece, e quanto mais ele obedece, mais culpado pode se sentir, pois a exigência do Supereu é, por estrutura, impossível de ser plenamente satisfeita.

“Uma neurose obsessiva é a caricatura de uma religião” (Freud, 1996, p. 57 apud Gellis; Hamund, 2011, p. 3) Freud relaciona a neurose obsessiva a religião, visto que essas obsessões envolvem renúncias de desejos, pulsões e restrições extensivas, como os Tabus e as regras religiosas. Também se relaciona às cerimônias religiosas como nos atos obsessivos, necessita de ser realizado conforme regras preestabelecidas. Tais ações se tornam atos compulsivos que remetem a penitências ou purificações e se impõem ao sujeito com caráter obrigatório, repetitivo e, na maioria das vezes, inconscientemente.

A neurose obsessiva força o indivíduo a repetições cerimônias aparentemente insensatos ou triviais, mas “Não é exato dizer que os neuróticos obsessivos, curvados sob o peso de uma moralidade excessiva, estão-se defendendo apenas da realidade psíquica e se punindo através de impulsos que foram simplesmente sentidos. A realidade histórica também tem a sua parte na questão.” (Freud, 1996, pg 114). Durante o período de desenvolvimento indivíduos possuíam desejos que são prejudiciais a uma convivência como no caso complexo de édipo, assim os neuróticos obsessivos criam essas repetições, esses ritos, como forma de pagar por esses desejos.

Scarparo e Coelho (2025), explicam que “o ritual obsessivo aparenta ser um cerimonial, com a diferença de que no cerimonial religioso todo e qualquer detalhe é significativo e possui algum sentido simbólico, enquanto o ritual obsessivo é destituído de qualquer sentido manifesto” assim como explanado no livro de Freud (1913), Totem e Tabu, mostra a relação da neurose obsessiva com a religião, realizando uma comparação com um fundamento mítico. Ele reconstrói a história da horda primeva, na qual os filhos se unem para matar e devorar o pai tirânico. Esse assassinato, longe de libertar os irmãos, dá origem a um sentimento de culpa coletiva. O pai morto retorna simbolicamente

sob a forma do totem, e as proibições que organizam a vida do clã como, não matar o animal totêmico, não manter relações sexuais com membros do mesmo grupo, surgem como tentativas de reparação.

Esse mito ilumina a estrutura da religião como uma forma de neurose obsessiva. Assim como o neurótico cria proibições internas para lidar com desejos recalcados, a sociedade cria a religião para lidar com a culpa originária. O tabu é a proibição primeva, sem motivo consciente, sustentada por uma necessidade interna de purificação. O neurótico e o crente compartilham a mesma ambivalência, desejam transgredir e temem a punição, amam e odeiam a autoridade, buscam a purificação e, ao mesmo tempo, sentem-se atraídos pela falta mas os ritos religiosos tem uma gama de significado que muitas vezes parecem serem inexistente em uma neurose obsessiva, assim “Diante desses paralelos e analogias podemos atrever-nos a considerar a neurose obsessiva com o correlato patológico da formação de uma religião, descrevendo a neurose como uma religiosidade individual e a religião como uma neurose obsessiva universal.” (Freud 1996, p. 71).

A relação da culpa dentro da religião pode ser compreendida, dentro da perspectiva psicanalítica, a partir da construção do Supereu e da renúncia pulsional exigida pela sociedade. No texto de Freud (1930) mal-estar na cultura se aprofundou sobre um mal-estar que perpassa por toda sociedade, relação entre a estrutura da renúncia de determinadas satisfações pulsional. O sujeito precisa renunciar a parte de suas exigências pulsionais, sendo que a renúncia não permanece apenas como uma imposição externa, mas pode ser internalizada na forma de uma instância crítica e exigente, o Supereu.

O sentimento de culpa ocupa uma posição fundamental. O Eu experimenta a crítica e as exigências do Supereu, ainda que nem sempre consiga reconhecer conscientemente a origem daquilo que produz a culpa. Podemos dizer que a culpa não corresponde necessariamente à consciência de uma transgressão objetiva. O sujeito pode se sentir culpado sem conseguir se identificar o sentimento que ele esteja se sentindo culpado sem conseguir identificar claramente aquilo pelo qual está sendo punido ou julgado. Com isso a culpa se relaciona com os conflitos internos do inconsciente, desejos recalcados e a distância entre aquilo que o sujeito é e aquilo que acredita que deveria ser.

Essa compreensão permite aproximar a discussão freudiana da experiência religiosa, especialmente quando determinadas formas de religiosidade são organizadas em torno de conceitos como pecado, pureza, obediência, julgamento e punição. A figura divina pode assumir, para o sujeito, características semelhantes às atribuições ao Supereu, uma autoridade que observa, julga, conhece as intenções e estabelece aquilo que deve ou não ser feito. Essa aproximação não significa afirmar que Deus é o Supereu sejam equivalentes ou toda experiência religiosa seja neurótica.

O texto de Gaspar (2007) O sentimento de culpa e a ética em psicanálise, permite compreender que a culpa pode surgir não apenas diante da transgressão de uma regra, mas também diante da impossibilidade de corresponder plenamente a determinado ideal. Nesse sentido, a culpa pode assumir uma característica paradoxal: quanto maior o esforço do sujeito para adequar-se àquilo da exigência moral, maior pode ser a percepção de sua insuficiência. Na tentativa de ser “bom o suficiente” pode transformar-se em uma busca permanente por uma pureza que nunca é completamente alcançada, o problema, seria como o sujeito se posiciona diante da lei, autoridade e do próprio desejo.

A religião, nesse contexto, pode oferecer diferentes formas de elaboração da culpa. A oração, a confissão, a penitência, o arrependimento e outras práticas podem possuir funções simbólicas e comunitárias importantes. Entretanto, em determinadas configurações subjetivas, essas mesmas práticas podem adquirir uma função de neutralização da angústia e tornar-se parte de um circuito repetitivo de culpa e reparação.

Dentro da perspectiva de Freud, a culpa pode ser compreendida através da relação do desejo, renúncia pulsional e Supereu, que com todos os aspectos não é apenas sofrimento, ela carrega uma satisfação inconsciente. A psicanálise permite compreender que o sofrimento psíquico nem sempre desaparece por meio da realização de atos destinados a repará-lo. Na tentativa de eliminar a culpa, em vez disso, pode construir justamente aquilo que mantém seu ciclo sem fim.

Na neurose obsessiva, essa dinâmica pode aparecer por meio de persistentes pensamentos intrusivos, medo de ter cometido uma transgressão e necessidade de realizar determinada atos para reproduzir a angústia produzida pela possibilidade de uma culpa. O ritual nesse contexto, pode funcionar como uma tentativa de reparação ou neutralização. O sujeito realiza determinado ato para desfazer ou impedir aquilo que teme. Entretanto, a culpa religiosa, como a culpa neurótica, não é apenas sofrimento, ela carrega uma satisfação inconsciente. O sujeito goza da sua posição de culpado, da sua submissão, além produzir um alívio por um rito que simboliza seu sacrifício. A religião oferece a culpa tornar-se o motor de uma repetição obsessiva, o sujeito peca para se arrepender. Depois dele,

uma nova pulsão pode aparecer, e sendo assim estabelece-se um ciclo sem fim de eliminar a culpa, mas acaba contribuindo para sua manutenção.

Dentro desse contexto permite estabelecer uma aproximação cuidadosa com determinadas experiências religiosas marcadas por forte culpabilização. Em alguns casos, pensamentos considerados pecados dentro da religião, podem produzir angústia, levando o sujeito a busca repetitiva a oração, a confissão, a penitência ou outras formas de purificação.

Na neurose obsessiva, a culpa se manifesta em pensamentos intrusivos, dúvidas, rituais de limpeza e verificação. Na religião, ela se manifesta em escrúpulos morais, confissões repetidas, medo de blasfêmia, obsessão por pureza. Em ambos os casos, o sujeito está aprisionado em um conflito entre desejo e proibição, entre o impulso recalcado e a lei internalizada.

De acordo com Scotti (2003) em Culpa e Gozo, Psicanálise e Literatura contribui para pensar que a culpa não pode ser compreendida apenas como uma experiência de sofrimento consciente. Na perspectiva psicanalítica, pode existir uma satisfação inconsciente implicada na própria repetição de uma posição subjetiva. O sujeito procura livrar-se da culpa, mas encontra alívio apenas temporariamente. O ritual proporciona uma redução momentânea da angústia, mas não elimina aquilo que está na origem do conflito. Com isso, a necessidade de repetir retorna.

Nesse sentido, a culpa pode assumir a forma de uma dívida que nunca é completamente paga. O sujeito cumpre a regra, confessa, arrepende-se, procura reparar e, por um momento, experimenta alívio.

Dentro da religião muitos acreditam uma purificação através de adoração ou confissão. O sujeito neurótico tem a tentativa de absorver ou reprimir o desejo que acaba sendo falida, tentando apagar esse “fogo” (a pulsão) mas acaba continuando até aumentando constantemente através da tentativa de reprimir esse fogo ou diminuir ele.

Conclusão

Diante do que foi exposto, compreende-se que a culpa, na perspectiva psicanalítica, se constitui como parte fundamental do psiquismo humano, nascendo da renúncia pulsional exigida pela vida em sociedade e se instala na psique por meio do Supereu. A culpa é, portanto, uma força que organiza a convivência social, mas também uma fonte de possíveis sintomas obsessivos. A religião, pode ser entendida como um dos grandes sistemas simbólicos criados para dar conta dessa culpa. Ela nomeia o pecado, estabelece regras, propõe rituais de purificação e promete perdão. Porém, ao mesmo tempo em que organiza a culpa, a religião também pode intensificá-la, pois coloca o sujeito diante de uma autoridade divina que tudo vê, tudo julga e nunca pode ser plenamente satisfeita. O crente, assim como o neurótico obsessivo, pode ficar preso em um ciclo de transgressão, arrependimento e repetição, no qual a busca por pureza nunca termina.

Freud, em Totem e Tabu e O mal-estar na cultura, mostrou que a religião pode ser compreendida como uma neurose obsessiva universal. Isso não quer dizer que toda experiência religiosa seja patológica, mas que a religião, em sua estrutura, se aproxima dos mecanismos da neurose obsessiva que cria proibições, rituais de purificação e símbolos de um grande outro divino. Em muitos casos, essa dinâmica pode aprisionar o sujeito, mantendo-o preso ao medo, à obediência e à repetição de práticas que aliviam momentaneamente a angústia, mas não resolvem o conflito interno.

Assim, a culpa religiosa não é simplesmente uma questão maniqueísta. Ela pode servir como organização simbólica, mas também pode se tornar sintoma, quando o sujeito fica impossibilitado de se reposicionar diante daquilo que o faz sofrer. A psicanálise, nesse cenário, não busca eliminar a religião nem julgar a fé, mas escutar o que a culpa esconde e o que ela repete. Pois é somente interrogando essa culpa que o sujeito pode deixar de ser apenas um prisioneiro da punição e passar a se responsabilizar, de forma singular, pelo próprio desejo.

Referências

ALBUQUERQUE, B. P. **Angústia e amor na teologia e na psicanálise: Oskar Pfister e sua interlocução com Sigmund Freud**. 2023. Tese (Pós-Graduação em Ciência da Religião) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2023.

ANDRADE, T. **Psicanálise e religião**. Estudos de Psicanálise. n.32, 2009. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0100-34372009000100021&script=sci_abstract Acesso em: 10 ago. 2026.

ARGELAZI P. L. **Psicanálise e religião.** 2008. 113 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

FREUD, S**. Totem e Tabu e outros trabalhos** (1913-1914). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. **Cultura, Sociedade, Religião O Mal-estar na cultura e outros escritos** Edição Obras incompletas de Sigmund Freud. São Paulo: autêntica, 2020.

FREUD, S. **Gradiva de Jensen e outros trabalhos** (1906 - 1908). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GASPAR, T. R. **O sentimento de culpa e a ética em psicanálise.** Psychê., v. 9, n. 20, 2007. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/307/30716918004.pdf Acesso em: 10 ago. 2026.

GELLIS, A. HAMUD, M. I. L. **Sentimento de culpa na obra freudiana: universal e inconsciente.** Psicologia USP., V. 22, n. 3, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pusp/a/ZWDxQkLTpwyfVBdGQcQgH3q/?lang=pt Acesso em: 10 ago. 2026.

GOLDENBERG, F. JUNIOR, C. A. P. **É possível uma sociedade sem culpa? O lugar da culpabilidade nos processos de subjetivação**. Cadernos de Psicanálise., v. 33, n. 24, 2011. Disponível em: https://cprj.com.br/cadernos-de-psicanalise-n-24/ Acesso em: 10 ago. 2026.

KLEIN, T**. Exu e a psicanálise: da culpa à ilusão.** Revista Tempo Psicanalítico, v. 54, n. 2, p. 514–534, 2022. Disponível em: https://tempopsicanalitico.com.br/tempopsicanalitico/article/view/748. Acesso em: 10 ago. 2026.

PEREIRA, K. S. C. CHAVES, W. C. **Freud e a religião: a ilusão que conta uma verdade histórica**. Tempo Psicanalítico., v. 48, n. 1, 2016. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0101-48382016000100008&script=sci_arttext Acesso em: 10 ago. 2026.

SCARPARO, I. G. COELHO, A. C. P**. PSICANÁLISE E RELIGIÃO: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A NEUROSE E A VISÃO EVANGÉLICA**. Revista Foco Interdisciplinary Studies., v. 18, n. 3, 2025. Disponível em: https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/download/7964/5642/19441 Acesso em: 10 ago. 2026.

SCOTTI, S. **Culpa e gozo, psicanálise e literatura**. Psicologia: Reflexão e Crítica., V. 16, n. 1, 2003 Disponível em: https://www.scielo.br/j/prc/a/3b6gYfZHZLhszTzTQhVBbNG/?lang=pt Acesso em: 10 ago. 2026.